

CRÍTICA DE TEATRO*Manuel João Gomes*

Contos do fim do milénio

DR



Alfredo Brissos numa cena de "Terra", uma alegoria

O CHÃO da cena é seco, duro, estéril. Coberto de lama seca? De lava fria? Do que se quiser. Quem ler a peça de Abel Neves (ed. Livros Cotovia) tem direito a uma informação inesperada, exactamente nas últimas linhas da peça:

"O lugar onde eles estão agora, onde sempre estiveram, é a superfície interior de um baço". Em boa verdade, onde nós estamos é no teatro: um ponto de passagem entre a vida e a morte. As figuras que povoam esta paisagem

não sabem ao certo se fogem da vida ou se vão ao encontro da vida, se fogem da peste ou se vão ao encontro dela.

Há no espectáculo três andamentos: o primeiro gira à volta da peste e das vivências sociais que ela cria; o segundo, após a chegada do padre e do médico, caracteriza-se pelo burlesco que pode ir até ao sarcasmo; vem finalmente o movimento mais "antropológico" que culmina com a entrada dos "farrapões" (estranhas criaturas que celebram um ritual obscuro) e com o sono generalizado, logo seguido da ressurreição de um morto e do regresso à vida.

Não há praticamente um fio narrativo a conduzir a acção. Há pequenos enredos independentes no interior de um drama sem drama: por exemplo, a relação patroa-criada entre as personagens Zulmira e Berta. A "Terra" de Abel Neves é escassa de drama. É um mostruário de figuras mais ou menos trágicas e grotescas e o clima que respiram é aqui realista e ali simbólico, místico sem deixar de ser herético.

As figuras entram, dialogam umas com as outras, lutam, acasalam-se, circulam pelo espaço, umas dão ordens a que outras obedecem. "Terra" podia ser definida como uma celebração, ou uma orgia, ou uma visão, ou um quadro vivo. Ou até mesmo uma dança. Onze actores ocupam aquele espaço e percorrem-no, reflectindo em comum sobre a sua condição de cadáveres adiados (já quase no fim entram sete seres folgazões que cantam, dançam e roubam os anteriores ocupantes, aparentemente mortos).

As figuras em movimento não precisam de falar para dizerem o pouco de vida que lhes resta e o pouco tempo que o mundo tem para viver. Caso paradigmático da condição humana, tal como este espectáculo a imagina, é o da primeira personagem que entra em cena. A certa altura, Adrião morre, fica para ali inse-

pulto, com um relógio de areia à cabeceira. Antes de a peça terminar, ressuscita. É assim a vida: o fim do mundo é todos os dias, todos os dias a vida acaba para os que morrem.

Há falas para todos os actores dizerem mas às vezes o silêncio dá uma violência maior ao grotesco. Dá-lhe até alguma nobreza. Que tragam uma intenção cómica ou trágica, as palavras soam frequentemente como inúteis. As únicas que se impõem eloquentemente são as rezas, das cantorias e dos provérbios, no movimento final do espectáculo — um final em beleza.

Na parte central, o padre e o médico trazem à função um registo caricatural. O padre e os penitentes que se lhe confessam cobrem-se de um ridículo que funcionaria mais eficazmente se não se prolongasse tanto. Ao invadir-se a zona do sagrado (mesmo que seja para o desconstruir), requer-se uma segurança e uma profundidade que não existem no texto de "Terra".

Não, o espectáculo não resvala para o superficial ou para o gratuito. Salva-o a chamada "mística" da Comuna. Os actores da Comuna distinguem-se de quaisquer outros pela primazia dada à expressão corporal, ao "atletismo afectivo" em que se fundamenta a sua forma de representar que, só por si, é já uma forma violenta e profanatória de estar na vida.

"Terra" é uma alegoria — às vezes luminosa — do nosso mundo em degradação. Uma cerimónia para celebrar o fim do milénio, os nossos dias incertos, doentes, pestilenciais. Alegoria povoada de belas imagens visuais, que frequentemente se impõem ao literário, anulando-o. ■

- Terra

Autor Abel Neves

Encenação João Mota

Com todo o elenco da Comuna

Hoje às 21h30